

ções de Lamego, utilizável em dias de denso nevoeiro, muito vulgares nesta região, e sempre que não fôsse possível o emprêgo de sinais ópticos entre os guarnições, ou ainda para prevenir as populações do vale a sul da serra quando se aproximasse qualquer perigo que os pusesse em risco. E em tempos remotos parece que a população em Amedelo ou Medelo era já importante, por isso que nas pesquisas a que por lá procedi encontrei desde as proximidades da Senhora da Guia de Medelo, e por todo o terreno chamado Fonte de El-Rei, grande quantidade de tejos e telhas de rebordo, e o mesmo encontrei no sítio das Moreiras a norte de Medelo, onde me disseram terem aparecido moedas romanas quando o terreno foi arroteado para vinhas.

Não me foi possível até hoje fazer qualquer outra hipótese tendente a justificar a existência do sino na fraga do monte de Penude. Observando-se os penedos da fraga, e tendo-se em vista a disposição da cavidade em que o sino teria estado, mais nos convencemos de que êle seria destinado a fins militares.

Julgo não ser êste um facto isolado e único de se utilizar o emprêgo dos sinos para a sinalização entre as antigas fortificações e para aviso às populações agrícolas e pastoris sempre ameaçadas, em tempos remotos, pelas investidas e razias dos povos vizinhos.

Além dêste meio de sinalização, encontrei já referência ao emprêgo de fochos de luz que, para o mesmo fim, eram colocados em diversos lugares que circundam Lamego, e a situação de esculas para observação e ligação. Mas termino por aqui a comunicação do do que me foi possível colhêr sôbre o castro de Penude, deixando para outros artigos a informação do que puder vir a saber sôbre os interessantes assuntos que deixo indicados.

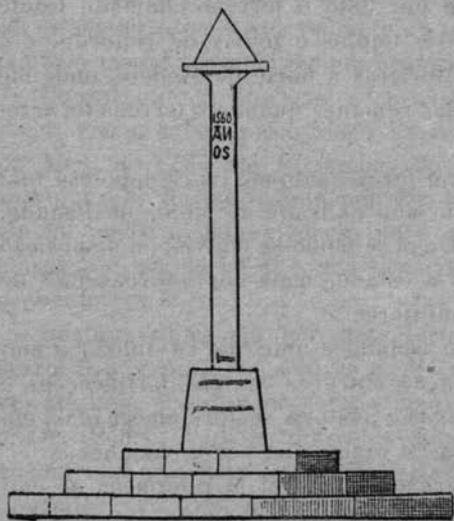
Lamego, 17 de Dezembro de 1919.

ÂNGELO CRUZ E SOUSA.

O Pelourinho de Castro Laboreiro

Numa digressão que fizemos pelo Norte em Julho de 1917, depois de termos regressado do sul de Angola, onde estivemos como expedicionário comandando a 10.^a companhia de infantaria n.º 20, tivemos ocasião de ir a Castro Laboreiro. Logo que ali chegámos, feita a viagem desde Melgaço a cavalo e acompanhado de guia, preguntámos pelo pelourinho.

Fomos então informado de que estava fazendo parte da chaminé duma casa onde residia um professor primario aposentado. Convidado a entrar na referida casinha, ali se nos deparou um esteio de granito de secção octogonal, com dois metros de comprimento, tendo num dos extremos a inscrição que se vê no desenho, 0^m,22 abaixo da linha, em que devia assentar um *chapéu* de pedra, segundo ouvimos referir a um individuo de idade avançada, que havia sido encarregado



por um antigo pároco de apear o pelourinho, a fim de empregar o fuste na casa que andava construindo. No outro extremo apresentava vestígios de ter estado metido numa cavidade. Por acaso apareceu então uma rapariga castreja, que disse ter ouvido a um dos seus falecidos avós que uma pedra fazendo parte da parede exterior duma outra casa da localidade era do pelourinho. Dirigindo-nos à casa indicada, deparou-se-nos uma pedra em forma de pirâmide quadrada

truncada, tendo na parte superior uma cavidade, onde devia introduzir-se o extremo inferior do esteio. Numa das suas faces viam-se dois pequenos sulcos paralelos, que talvez tivessem servido de sinais de referência, pois que um dos circunstantes disse recordar-se de ter visto na sua infância as mulheres servirem-se do pelourinho para medirem as meadas de linho. As dimensões do tronco da pirâmide eram as seguintes: altura 0^m,70; lado da base 0^m,43; distância entre a base e o traço inferior de referência 0^m,36 (dois palmos); da mesma base ao traço superior 0^m,56 (três palmos e meio); dèste traço à aresta superior 0^m,14 (meio palmo).

O esteio tinha também um traço horizontal de referência, 0^m,02 acima do extremo inferior. A espessura do esteio era de 0^m,15 e cada face da secção octogonal tinha a largura de 0^m,05.

Segundo informações o *chapéu*, de secção quadrada, tinha um pequeno friso em volta e na parte superior um chanfrado, no qual entrava a base duma pirâmide de granito, com 0^m,60 de altura aproximadamente, e que rematava o pelourinho. Entre a base da pirâmide e o rebôrdo exterior havia a distância aproximada de 0^m,15. O con-

junto assentava em três degraus de granito, de 0^m,30 de altura cada um, e tendo o inferior 2^m,5 de lado. O informador foi Melchior Gonçalves, de 85 anos de idade, tendo sido êle quem em 1860 destruiu o pelourinho, como dissemos, por ordem do pároco da freguesia. É oportuno dizer que aquele informador já não se lembrava de que a pedra que nos foi indicada pela rapariga castreja fizera parte do pelourinho, como devia ter feito, segundo a nossa observação.

Vê-se, pois, do que fica dito que êste pelourinho, que se levantava em frente duma pequena casa térrea servindo noutros tempos de câmara municipal, esteve no seu lugar durante três seculos.

Setúbal, Novembro de 1920.

FERNANDO BARREIROS.

Tróia de Setúbal, «Cetóbriga dos Romanos?»

No dia 20 de Setembro de 1919, parti para Setúbal com tenção de ir visitar Tróia e fazer lá algumas excavações, se «Madame» Cabral de Aquino Mascarenhas mo permitisse. Chegado àquella cidade, dirigi-me a casa desta illustre senhora, com quem tive a honra e o prazer de conversar. Exposto o fim da minha visita, S. Ex.^a deu-me gentilmente a licença desejada e disse-me que lastimava muito que um solo tão fértil (arqueológicamente falando, é claro), fosse assim desprezado pelo Estado, e que por conta dêste não se fizessem explorações metódicas, nem se velasse pela conservação das ruínas da antiga cidade romana!

Em seguida expôs-me S. Ex.^a uma idea, que consistia em: formar uma sociedade para tomar conta de Tróia, aproveitando as suas especiais condições.

Os fins principais desta sociedade, que seria formada por homens de iniciativa, e por isso verdadeiros patriotas, seriam: pôr as ruínas a descoberto, termas, casas de habitação, etc.; velar pela conservação delas; aproveitar a bela e enorme praia para banhos, o que seria excelente, já pelas suas condições naturais, já pela maravilhosa paisagem que se disfruta daquella misteriosa Tróia!

Que belo seria se se construíssem ali casas de habitação no estilo regional, com os seus lindos alpendres e as suas branquinhas paredes, recortando-se no céu azul de Portugal ou então na maravilhosa e serena serra da Arrábida, de tons azulados e lilases!

Que bem para o pais se se conseguisse fazer de Tróia um centro de viageirismo, com um belo pôrto de mar, com a sua alfândega,